



FORMAÇÃO, EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E OS ARGUMENTOS DE JOHN DEWEY: ALGUNS ASPECTOS

Miriam Barreto de Almeida Passos*

Resumo:

O pedagogo, psicólogo, filósofo, professor John Dewey tem uma grande discussão sobre formação do indivíduo, educação, currículo, lógica, psicologia e pedagogia, mas é mais conhecido pelos seus escritos na área da educação. Apoiada na dimensão bibliográfica, a presente tessitura descreve aspectos da literatura do filósofo em questão, tendo como finalidade exibir alguns aspectos sobre a formação, educação e conhecimentos deweyanos, refletindo como as ideias de John Dewey estão presentes na contemporaneidade. Em suma, textos dessa natureza são importantes por trazer singularidades trabalhadas, discutidas, pelo mencionado filósofo, bem como cenários vividos por Dewey, que estão registrados e arquivados nas bibliotecas físicas, virtuais, auxiliando-nos no diálogo na atualidade.

Palavras-chave: John Dewey, educação, formação, conhecimento.

TRAINING, EDUCATION, KNOWLEDGE AND JOHN DEWEY'S ARGUMENTS: SOME ASPECTS

Abstract:

The pedagogue, psychologist, philosopher, professor John Dewey has a great discussion about the formation of the individual, education, curriculum, logic, psychology and pedagogy, but he is best known for his writings in the area of education. Supported by the bibliographic dimension, this text describes aspects of the literature of the philosopher in question, with the aim of displaying some aspects of Dewey's training, education and knowledge, reflecting how John Dewey's ideas are present in contemporary times. In short, texts of this nature are important because they bring singularities worked on, discussed, by the aforementioned philosopher, as well as scenarios experienced by Dewey, which are recorded and archived in physical and virtual libraries, helping us in the dialogue today.

Keywords: John Dewey, Education, training, knowledge.

IDEIAS INICIAIS

A presente escrita emergiu a partir do interesse de apresentar pontos-chave, que considero importantes, sobre a filosofia deweyana. Como estou pesquisando sobre o

* Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Campus São Leopoldo, Rio Grande do Sul (UNISINOS).



pragmatismo de John Dewey, entendo que, compartilhar alguns aspectos dos meus estudos atuais sobre a sua filosofia seja oportuno para mim, bem como para o (a) leitor (a).

A produção tem como finalidade exibir singularidades sobre a formação, educação e conhecimentos deweyanos, pensados para e na contemporaneidade. O manuscrito está amparado nas referências bibliográficas e expõe ideias dos comentadores e estudiosos do filósofo John Dewey, deixando registrado como os argumentos do referido autor estão presentes na contemporaneidade e, que os mesmos, nos permitem discutir amplamente sobre vários aspectos pragmáticos que envolvem os saberes humanos.

John Dewey foi “pioneiro na educação americana do século XX. Suas pesquisas e escritos tiveram uma profunda influência sobre o sistema escolar moderno” (SANTOS *et al.*, 2022, p.75). Ele pensou uma educação baseada na experiência do indivíduo, “defendia que a educação deveria ser mais sobre aprender fazendo e menos sobre memorizar” (*ibidem*, 2022, p.75). Por esta razão, combateu a educação tradicional, que do seu ponto de vista, era recordativa e desprezava a experiência singular. Dewey é reconhecido como reformador do pensamento, não somente por sua importância como filósofo, mas também em alguns campos de saberes como: o artístico, o jurídico, o ético, o lógico e o educativo. Na atualidade, Dewey, assim como o seu pragmatismo, tem ganhado novamente espaço nas discussões e nos debates acadêmicos.

Com efeito, o pragmatismo, a partir do começo do século XX, se materializou na filosofia como uma corrente. Essa corrente foi pensada, inicialmente, por Charles Peirce (1839- 1914), modificada teoricamente por William James (1842-1910) e, em seguida, de forma global, a partir das palestras e Escola Laboratório de John Dewey (1859-1952), no campo da Educação, trouxe alicerces para as discussões de uma nova escola. Deste modo, entendo a importância e a validade do pragmatismo deweyano e das contribuições do filósofo para refletir a formação, a educação do ser, e o conhecimento na sociedade contemporânea.

Portanto, o presente texto está dividido nas seguintes seções, a saber: **IDEIAS INICIAIS; FILOSOFAR, FILOSOFIA E JOHN DEWEY; FORMAÇÃO, EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO: ASPECTOS SINGULARES;**



CONTRIBUIÇÕES DEWEYANAS: AULA PASSEIO e as CONSIDERAÇÕES FINAIS.

FILOSOFAR, FILOSOFIA E JOHN DEWEY

É necessário filosofar para dialogar sobre a formação, a educação e o conhecimento. Filosofar é indispensável. Mas o que é filosofar? É analisar, pensar, ponderar sobre o universo humano. E, “nesta visão metafilosófica [...] na análise da filosofia [...] tem diversas correntes”; por certo, “algumas, não conhecendo a essência, pensam que filosofar é sinônimo de questionar por questionar e de acumular conhecimentos estéreis” (Machado (2008, p.26).

Entendo que filosofar é imprescindível, e, ao pensar sobre a filosofia de John Dewey e do grande filósofo Sócrates, percebo que a partir do momento que penso resolvo a questão e/ou refuto. Sócrates, através da maiêutica, tinha uma finalidade: gerar dúvidas para encontrar a partir da reflexão a descoberta.

No curso filosófico, David Fott, no livro que trata sobre *o filósofo da democracia americana*, descreve que o pensamento de Dewey é idêntico ao de Sócrates.

Leonardo Machado (2008, p.25) reforça a comparação entre John Dewey e Sócrates destacando que:

Como se vê em seus diálogos e em sua vida, especialmente nos livros de *Fedro, Fédon e Apologia*, escritos pelo seu famoso discípulo Platão, o sábio grego, indo ao encontro de Tales e de Pitágoras, não concebia uma filosofia sem o autoconhecimento. Para ele, o verdadeiro filósofo era aquele que colocava em prática os conhecimentos que adquiria.

Neste sentido, considero que a filosofia não é apenas expectativa da natureza humana, ela mostra-nos os “conhecimentos eternos, faz com que este se volte para si mesmo e se melhore constantemente, apropriando-se, desse modo, realmente, do saber, através da vivência” (*ibidem*, 2008, p. 26).

Assim sendo, o saber interminável gira constantemente em torno da vida. Estamos sempre aprendendo. E nessa aprendizagem os *insights* de Dewey, segundo HP McDONALD, expressos no livro: *John Dewey and Environmental Philosophy (John Dewey e a Filosofia Ambiental)*, permite-nos pensar não só a formação do ser, mas uma nova abordagem da filosofia do meio ambiente; a preocupação com os direitos dos



animais; a preservação de espécies, *habitats* e paisagens raras; além da saúde de toda a ecologia.

John Dewey, conforme já mencionado no início do manuscrito, pensou e escreveu sobre variados temas. Sua ética e sua teoria educativa tem grande valor para as discussões da hodiernidade. Por esta razão, HP McDonald (2003) afirma que a filosofia de Dewey é *antropocêntrica*, ou seja, a visão de que o ser é o principal referencial para cuidar do ambiente, pois vive em sociedade e depende dos recursos que a natureza gera. O autor defende fortemente que a utilização da filosofia de Dewey resultará num quadro superior para a ética ambiental.

Isto posto, imprescindível pensar e atuar em torno do filosofar, filosofia e John Dewey, da formação, da educação e do conhecimento do ser humano como amparo para a vida presente e futura. Destarte, na próxima seção apresento alguns aspectos sobre os conceitos mencionados.

FORMAÇÃO, EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO: ASPECTOS SINGULARES

Na presente seção, não tenho a intenção de exibir exaustivamente o tema sobre os conceitos elencados. Entendo que, cada um deles daria um artigo ou tese, se considerarmos sua importância, história, movimento de mudanças ao longo dos tempos. Além disso, o conhecimento, a formação e a educação sempre andou e andam juntas no processo da vida humana.

Do mesmo modo, ao definir os termos encontro em John Dewey que o conhecimento, a formação do ser e sua educação devem ser um processo que envolve não apenas a teoria, mas que esteja presente ações práticas, atreladas a experiência de qualidade para gerar outras experiências. Para Dewey, a *experiência continuada* permite ao indivíduo a distinção entre o sujeito e o objeto, gerando o conhecimento.

No que diz respeito ao conhecimento, Cuvillier (1969, p. 28) o descreve como “função da vida psíquica manifestada por fenômenos de caráter representativo e objetivo” e através do conhecer o ser se forma, se educa. A educação, do ponto de vista do mesmo autor (*ibidem*, 1969, p. 46) é “processo pelo qual uma função se desenvolve e se aperfeiçoa pelo próprio exercício: por exemplo “educação dos sentidos””.



Educar os sentidos exige movimento e exercícios. É no exercício, na experiência individual e no grupo que o indivíduo se forma, educa-se, (re)conhece, realiza, (des)faz, processa, mentaliza, guarda, (re)lembra, recupera ações dantes realizada de uma outra forma, seguindo uma linha para a autorrealização. Antes por imitação, por memorização, hoje, no processo autônomo em todos os sentidos.

O processo autônomo foi apresentado por John Dewey em sua Escola Laboratório. Que segundo José Minerini Neto (2021, p. 94), “em sua proposta de educação, Dewey destaca a importância que os ambientes possuem em procedimentos educacionais”, citando a abordagem apresentada por Dewey (1979, p. 20):

Jamais educamos diretamente e, sim, indiretamente, por intermédio do ambiente. Grande diferença existirá em permitirmos a ação casual do meio e em escolhermos intencionalmente o meio para o mesmo fim. E será casual a influência educativa de qualquer meio, a menos que de caso pensado não o regulemos para a obtenção de um efeito educativo. A diferença entre um lar inteligente e outro ininteligente está principalmente em que os hábitos de vida e a convivência daquele são escolhidos, ou, pelo menos, impregnados da ideia de seu influxo sobre o desenvolvimento das crianças. As escolas, todavia, continuam sendo o exemplo típico do meio especialmente preparado para influir na direção mental e moral dos que as frequentam.

Para John Dewey, a tarefa da educação é ter uma teoria inteligente para pensar sobre a matéria, o método, que currículo adotar e quem vai ensinar. Não tomando um partido, mas indicando operações em um plano que mergulhe de forma profunda e inclusiva para representar as práticas e ideias priorizadas encontrando soluções com/em combinações ecléticas adotadas pela escola.

No que tange sobre a escola e educação, em análise realizada sobre práticas pedagógicas adotadas, Jorge Larrosa (1999), no texto que trata sobre *Tecnologias do Eu e Educação* no seu jogo de baralho sobre educação, anuncia que:

A única coisa que farei será estabelecer um viés em relação ao tipo de práticas pedagógicas que irei considerar. Em geral, considerarei aquelas nas quais se produz ou se transforma a experiência que as pessoas têm de si mesmas. Meu trabalho tenta oferecer ferramentas teóricas para “pensar de outro modo” relações pedagógicas aparentemente tão díspares quanto as que se dão em uma aula de educação moral, em uma aula de educação de adultos, em uma aula universitária de Filosofia da Educação, na elaboração de um trabalho de “pesquisa sobre a prática” [...] A única condição é que sejam práticas pedagógicas, nas quais o importante não é que se aprenda algo “exterior”, um corpo de conhecimentos, mas que se elabore ou reelabore



alguma forma de relação reflexiva do “educando” consigo mesmo. [...] Trata-se, pois, de mostrar a lógica geral dos dispositivos pedagógicos que constroem e medeiam a relação do sujeito consigo mesmo, como se fosse uma gramática suscetível de múltiplas realizações (LARROSA, 1999, p. 36).

John Dewey como Larrosa pensou a análise das práticas pedagógicas que forma, que constroem a relação do indivíduo consigo mesmo, atribuindo nessa análise a experiência estética, a experiência individual que gera ações para oportunizar novas experiências. Retornando a Larrosa importa ressaltar que ele acrescenta: “essa relação na qual se estabelece, se regula e se modifica a experiência que a pessoa tem de si mesma, a experiência de si [...] sugere uma perspectiva teórica, numa clave foucaultiana” (*ibidem*, 1999, p. 37).

Outro autor importante que trata da perspectiva teórica em torno do pensamento e da ação educativa é Edgar Morin (2001); em *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* ele declara:

A primeira finalidade do ensino foi formulada por Montaigne: mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia. O significado de “uma cabeça bem cheia” é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. “Uma cabeça bem-feita” significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido [...] o desenvolvimento das aptidões gerais da mente permite o melhor desenvolvimento das competências particulares ou especializadas. Quanto mais desenvolvida é a inteligência geral, maior é sua capacidade de tratar problemas especiais. A educação deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os problemas e, correlativamente, estimular o pleno emprego da inteligência geral (MORIN, 2001, pp. 21-22).

Ainda nas argumentações de Morin sobre educação, o referido autor destaca sobre a Filosofia da Educação, que a mesma: “deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador. A filosofia é, acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana” (*ibidem*, 2001, p. 23).

Também, John Dewey descreve muito bem sobre o papel da Filosofia e da Educação e trata a experiência reflexiva para lidar com os problemas rotineiros que o indivíduo encontra diariamente. Para Dewey “os problemas que uma filosofia relevante ao presente deve compreender são os oriundos das mudanças incessantes do



crescimento geográfico e demográfico, o que mostra a necessidade de uma reconstrução diferente” (DEWEY, 2011, p. 12). E, acrescenta:

[...] a função da filosofia fundamenta-se sobre um exagero romântico daquilo que pode ser feito pela “inteligência”. Tal crítica só encontraria justificativa se a palavra “inteligência” fosse usada como um sinônimo de “razão” ou “intelecto puro”, como feito por uma importante escola do passado. Entretanto, ela significa algo bem diverso daquilo que consideramos o maior órgão ou “faculdade” para a retenção de verdades definitivas. É uma descrição minimalista dos métodos de observação crescentes e dos raciocínios reflexivos e experimentais que, no curto prazo, revolucionaram as condições físicas e psicológicas da vida, mas que ainda foram desenvolvidos para aplicação às mais diversas situações humanas. A “inteligência” é recém-chegada até mesmo ao campo físico da pesquisa, e ainda não se desenvolveu nos diversos aspectos do cenário humano. A reconstrução a ser realizada não é a da aplicação da “inteligência” como algo pronto (*ibidem*, 2011, p. 13).

Para Dewey (2011, p. 25), a reconstrução pode ser nada menos que o trabalho de desenvolver, formar e produzir os instrumentos intelectuais que progressivamente conduzirão a pesquisa ao âmbito dos fatos mais profundos e particularmente humanos, ou seja, ao âmbito dos fatos atuais.

Nesta direção, sublinho que o ambiente para a formação, a educação e o conhecimento do ser precisa estar preparado com hábitos e convivências intelectuais, profícuas, dentro e fora dos espaços institucionais, para gerar experiências significativas.

Na próxima seção, resalto alguns aportes da aula passeio projetadas a partir das contribuições de John Dewey, como fatos atuais de seu tempo, que pensa a experiência, o hábito e a convivência benfazeja em processo de reconstrução filosófica e educativa.

CONTRIBUIÇÕES DEWEYANAS: AULA PASSEIO

Exponho, na presente seção, sobre o ambiente que gera experiências significativas, formando, informando, ensinando e criando memórias para novas e singulares experiências individuais e coletivas.

No livro *John Dewey and Education Outdoors (John Dewey e a Educação ao Ar livre)* os autores americanos: João Quay (professor da Universidade de Melbourne, Austrália) e Jayson Marinheiro (professor da Universidade de Nova Hampshire, EUA), nos apresentam a situação da educação ao longo de mais de um século de reformas progressivas.



No prefácio da referida obra, Clifford E. Knapp (professor Emérito do Departamento de Ensino e Aprendizagem da Universidade Northern Illinois, EUA) deixa claro que passou mais de 50 anos ensinando pessoas de todas as idades sobre a importância de aprender fora das quatro paredes da sala de aula e da escola. E, quando rememora essas experiências, ainda pode se lembrar de um pouco do que aprendeu quando saiu da sala de aula. Isto porque estas atividades, diz Knapp, são concebidas para reforçar conceitos, competências e valores através de experiências diretas em contextos locais e para envolver ativamente os alunos, para que fiquem motivados à aprender e reter o que é exigido no currículo.

A comunicação da reforma, no dizer de Knapp, pode ser descrita ao longo dos tempos como: educação para a natureza; educação para acampamento; educação para a conservação; educação ambiental; educação para aventura; educação experimental; educação para a terra; educação biorregional; educação ecológica; educação baseada no local e muito mais. Todos esses campos de estudos foram destinados a reformar a educação, expandindo o conceito de “sala de aula”.

A ideia da aventura ao ar livre, ou seja, a aula passeio, foi promovida por John Dewey. Para o autor, o educador deveria se familiarizar com as condições da comunidade local, físicas, históricas, econômicas e ocupacionais, a fim de utilizá-las como recursos educativos, bem como experiências singulares.

Para Quay e Marinheiro (2013, p. 1), “a educação ao ar livre tem uma história tão longa quanto a própria escolarização”. Assim, John Dewey realizou um bom trabalho, prevendo que o século seguinte a reforma no ensino adotaria a educação ao ar livre, a aula passeio, ou como é e foi usado os seguintes termos: educação ao ar livre, acampamento escolar, educação para a conservação, estudo da natureza, recreação na natureza, incluindo: educação sobre energia, aprendizagem expedicionária, educação sobre ética ao ar livre, educação sobre ciências, tecnologia e sociedade, educação sobre mudanças ambientais globais e desenvolvimento sustentável (*ibidem*, 2013, p. 3).

De fato, John Dewey sustentou que a reflexão sobre a experiência dá origem a uma distinção do que e do como vivemos. E, além da sala de aula, a aula passeio possibilita estudar a natureza e os lugares de primeira mão, guardando na memória aspectos vivos, cultivando bons hábitos e a reflexão sobre a (s) observação (ões).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar as obras de John Dewey, ao ler seus escritos, seus intérpretes, e pensar sobre as ideias teóricas e práticas que envolvem a formação, educação e o conhecimento humano, constato que suas ideias, estão presentes na contemporaneidade e são pedagogicamente situadas para o diálogo educativo.

O ser se educa através do desenvolvimento de hábitos, da capacidade de refletir sobre seu entorno; forma-se e informa-se em ambientes além da sala de aula, das discussões em grupo, das observações sobre os eventos, das experiências vividas, transmitidas, gerando outros movimentos, ações, saberes e sabores.

Portanto, acredito que a Pedagogia, a Filosofia e Psicologia da Educação deweyana continua atual, oferecendo aspectos para as discussões do processo formativo, em que a educação, o conhecimento e o diálogo foram, são e serão tecidos a partir das suas ideias em que as experiências se apresentam.

REFERÊNCIAS

- CALCATERRA, Rosa M. **Ideias Concretas: percursos na filosofia de John Dewey.** Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- CUVILLIER, Armand. **Pequeno vocabulário da Língua Filosófica.** Tradução e adaptação de Lólio Lourenço de Oliveira; J. B. Damasco Penna. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- DEWEY, Jane M. **Biografia de John Dewey.** Em Paul Arthur Schilipp (ed). A Filosofia de John Dewey. Nova York: Tudor Publishing Co, 1939; p. 3-45.
- DEWEY, John. **Os Pensadores.** Traduções de Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme, Anísio S. Teixeira, Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- EDMAN, IRWIN. **John Dewey: sua contribuição para a tradição americana.** Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960.
- DEWEY, John. **Reconstrução em Filosofia.** Título original: *Reconstruction in Philosophy*. São Paulo: Ícone, 2011 (Coleção fundamentos da filosofia).



FOTT, David. **John Dewey: America's Philosopher of Democracy**. Editora: Rowman & Littlefield Publishers, Ano: 1998.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação, In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos**. Editora Vozes: RJ, Petrópolis, 1999.

McDONALD, HP. **John Dewey and Environmental Philosophy**. Editora: State University of New York Press, Ano: 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Título original: *La tête bien faite*. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertarand Brasil, 2001.

NETO, José Minerini. Museu na Escola-Laboratório de John Dewey. **Revista Apotheke**, v. 7/n. 2/ p. 92-103, outubro de 2021.

QUAY, João; MARINHEIRO, Jayson. **John Dewey and Education Outdoors**. Published by: Sense Publishers, 2013.

SANTOS, Josely; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; PAIVA, Adriana Borges de. **O Pensamento Educacional de John Dewey**. Cadernos da Fucamp, v.21, n.52, p.76-91/2022.